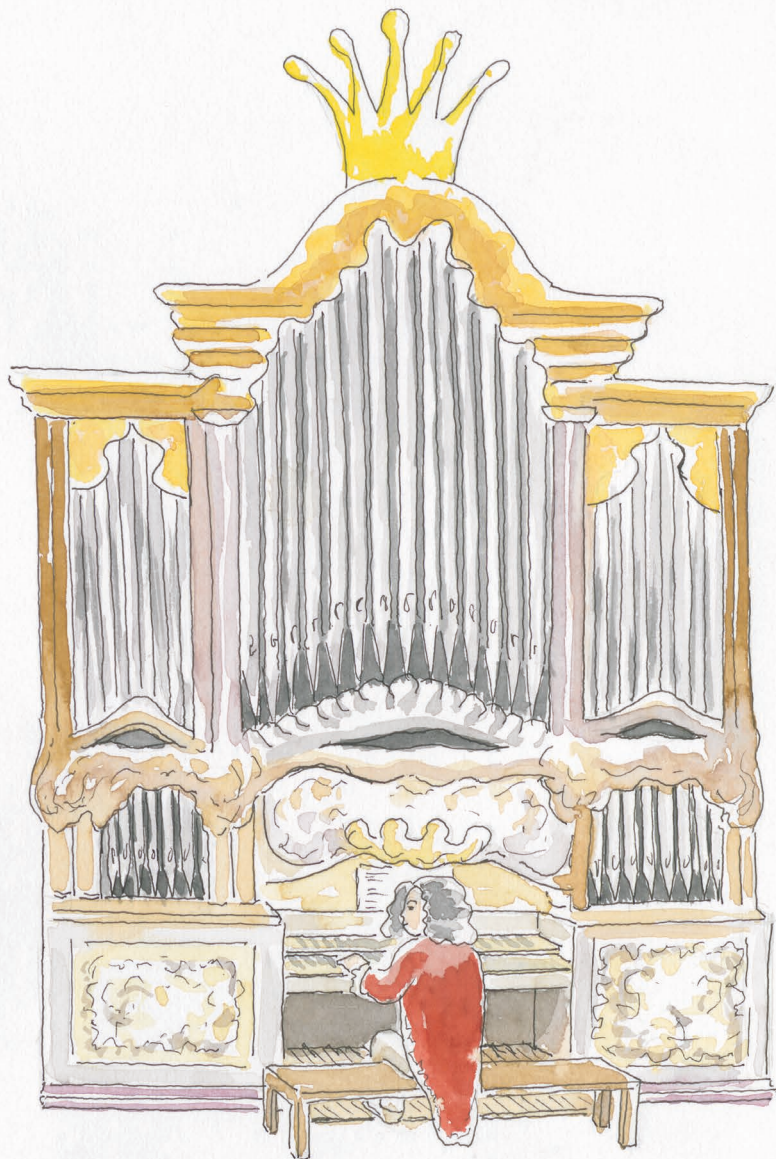


DOIS SÉCULOS DE MÚSICA

ÓRGÃOS DO CONCELHO DE MAFRA

Acede aqui ao
teu Audiobook





Mafra é Música!

E sabes porquê? Porque o Concelho de Mafra tem onze órgãos que enriquecem o nosso património musical.

Destes instrumentos, seis estão na Basílica do Palácio Nacional de Mafra e foram classificados como Património Mundial, quatro são órgãos históricos instalados nas igrejas da Encarnação, Livramento, Gradil e Ericeira e há ainda mais um instrumento que foi recentemente construído para a Igreja de Santo André, em Mafra.

Através da leitura desta publicação, podes ficar a saber mais sobre estes instrumentos e, ao mesmo tempo, consultar o *link* que te dá acesso a uma coletânea de diferentes músicas que foram gravadas nos onze órgãos do Concelho de Mafra.

O convite é que, ao escutar estas obras, possas fazer uma autêntica viagem pela história da música ao longo de mais de dois séculos, desde 1807 até aos nossos dias.

Deixo-te dois desafios finais: partilha esta coletânea com os teus amigos e familiares; e vem assistir aos concertos que se realizam, regularmente, numa destas igrejas.

Assim afirmamos que **“Mafra é (cada vez mais) Música!”**.

O Presidente da Câmara Municipal de Mafra,
Hélder Sousa Silva

CD1

UMA ORQUESTRA DE SEIS ÓRGÃOS

Basílica do Palácio Nacional de Mafra

1. **GEORG FRIEDRICH HAENDEL** (1685-1759)
Overture for the Royal Fireworks
(arranjo para 6 órgãos de João Vaz)
2. **JOHANN SEBASTIAN BACH** (1685-1750)
Coral da Cantata *Herz und Mund und Tat und Leben*,
BWV 147 (1716/23)
(arranjo para 6 órgãos de João Vaz)
3. **JOSEPH HAYDN** (1732-1809)
Sinfonia Nº 104 em Ré maior «Londres»
I – Allegro
(arranjo para 5 órgãos de anónimo português, c.1820)
4. **LUIGI BOCCHERINI** (1743-1805)
Fandango (Quinteto G. 448, 1798)
(arranjo para 6 órgãos de Yves Rechsteiner)
5. **MARCOS PORTUGAL** (1762-1830)
Sinfonia a seis órgãos
(arranjo da Abertura de *L'oro non compra amore*)

6. **LUDWIG VAN BEETHOVEN** (1770-1827)
Sinfonia nº 7 em Lá maior, Op. 92
II – Allegretto
(arranjo para seis órgãos de João Santos)
7. **EDWARD ELGAR** (1857-1934)
Pomp and Circumstance March nº 1
(arranjo para 6 órgãos de João Vaz)
8. **REMO GIAZOTTO** (1910-1998)
Adagio sobre um tema de Tomaso Albinoni
(arranjo para 6 órgãos de João Vaz)
9. **JOHN WILLIAMS** (1932)
Star Wars Suite
I – Main Title
(arranjo para 6 órgãos de João Vaz)

Sérgio Silva, órgão do Evangelho
André Ferreira, órgão da Epístola
João Santos, órgão de São Pedro d'Alcântara
Margarida Oliveira, órgão do Sacramento
Diogo Rato Pombo, órgão da Conceição
Daniela Moreira, órgão de Santa Bárbara



O ÓRGÃO EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Igrejas da Encarnação, Livramento, Gradil e Ericeira

Igreja de Nossa Senhora da Encarnação

1. **CARLOS SEIXAS** (1704-1742)
Sonata para órgão em lá menor
- 2-8. **FREI JERÓNIMO DA MADRE DE DEUS** (1714/5-p.1768)
Versos de 5º tom (I, III, IV, IX, XIII, XV e XX)
9. **ANÓNIMO** (séc. XVIII)
Adagio
(Biblioteca Nacional de Portugal, MM 4505)
10. **FREI JOSÉ DA MADRE DE DEUS** (séc. XVIII)
Fuga em ré menor

João Vaz, órgão

Igreja de Nossa Senhora do Livramento

11. **ANÓNIMO** (Portugal, c. 1772)
Tocata para corneta com ecos
(Biblioteca Nacional de Portugal, MM 4450//2b)

12. **ANÓNIMO** (Portugal, séc. XVIII)
Fuga do 6º tom
(Biblioteca Nacional de Portugal, MM 4170)

André Ferreira, órgão

Igreja de São Silvestre, Gradil

- FREI JOSÉ MARQUES E SILVA** (1782-1837)
13. Fantasia em Dó maior
 14. Laudamus te
 15. **ANÓNIMO** (Portugal, séc. XVIII/XIX)
Adagio
 16. **MARCOS PORTUGAL** (1762-1830)
Dignare Domine

Margarida Oliveira, órgão
Bruno Nogueira, tenor

Igreja de São Pedro da Ericeira

17. **ANÓNIMO** (Portugal, séc. XVIII/XIX)
Discurso para órgão
- ANTÓNIO DA SILVA LEITE** (1759-1833)
18. Domine si sponsa tua sum
19. Adágio para órgão
20. Paratur nobis mensa Domini

Margarida Oliveira, órgão
Bruno Nogueira, tenor

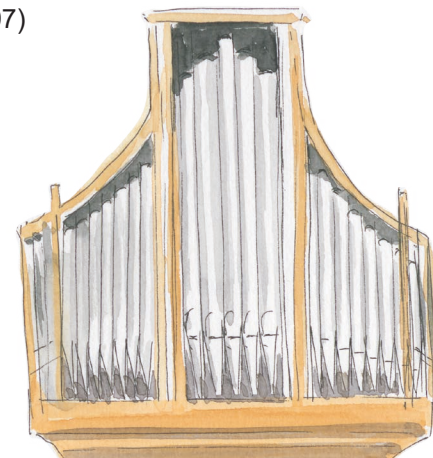
CD3

A INSPIRAÇÃO DO CANTO GREGORIANO

Igreja de Santo André em Mafra

1. **JEANNE DEMESSIEUX** (1921-1968)
Rorate cæli *
(*Twelve Choral Preludes on Gregorian Chant Themes for Organ*, 1950)
2. **CANTO GREGORIANO**
Alma Redemptoris Mater
3. **JOÃO VAZ** (1963)
Alma Redemptoris Mater
(*Quatro Antifonas Marianas*, 2017)
4. **IGNÁCIO RODRIGUES** (1972)
Alma Redemptoris Mater (2018)
5. **JEANNE DEMESSIEUX**
Attende Domine *
(*Twelve Choral Preludes on Gregorian Chant Themes for Organ*)
6. **JOÃO VAZ**
Ave Regina cælorum
(*Quatro Antifonas Marianas*)

7. **JEANNE DEMESSIEUX**
Hossana filio David *
(*Twelve Choral Preludes on Gregorian Chant Themes for Organ*)
8. **JOÃO VAZ**
Regina cæli
(*Quatro Antifonas Marianas*)
9. **DENIS BÉDARD** (1950)
Prélude et Toccata sur «Victimæ paschali laudes» (2004) *
10. **DENIS BÉDARD**
Méditation sur «O filii et filia» (1993) *
11. **SÉRGIO SILVA** (1981)
O filii et filia» (2017)
12. **DENIS BÉDARD**
Choral sur «O filii et filia» *
(*Six paraphrases grégoriennes*, 1997)
13. **JEANNE DEMESSIEUX**
Veni Creator *
(*Twelve Choral Preludes on Gregorian Chant Themes for Organ*)
14. **RODRIGO CARDOSO** (1997)
Pange lingua (2018)
15. **JOÃO VAZ**
Salve Regina
(*Quatro Antifonas Marianas*)



16. DENIS BÉDARD

Improvisation sur «Salve Regina» *

(Six paraphrases grégoriennes)

17. JOÃO PEDRO D'ALVARENGA (1961) / JOÃO VAZ

Lux æterna (2017)

18. HILDEGARD VON BINGEN (1098-1179)

Cum erubuerint

19. CAROLINE CHARRIÈRE (1960-2018)

De Sancta Maria

20. DENIS BÉDARD

Ave maris stella *

(Six paraphrases grégoriennes)

21. JOÃO VAZ

Ave maris stella (2017)

Sérgio Silva, órgão

Ensemble Lusiovoce

Inês Lopes, Mariana Moldão, Susana Duarte,

Tânia Viegas, Verónica Silva, sopranos

Maria de Fátima Nunes, Michelle Rollin Rodrigues,

Marta Queirós, Raquel Pedra, Rita Morão Tavares, con-
traltos

Frederico Projecto, Pedro Rollin Rodrigues, tenores

Pedro Casanova, Rui Bôrras, baixos

Clara Coelho, direção

* – Órgão solo



DOIS SÉCULOS MÚSICA DE

ÓRGÃOS DO CONCELHO DE MAFRA



O órgão é um instrumento em que o som é produzido pela passagem de ar por diversos **tubos**.

Chama-se **organista** à pessoa que toca órgão e **organeiro** à pessoa que o constrói.



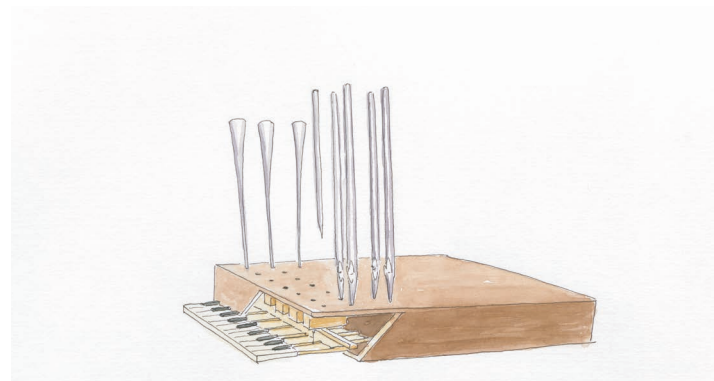
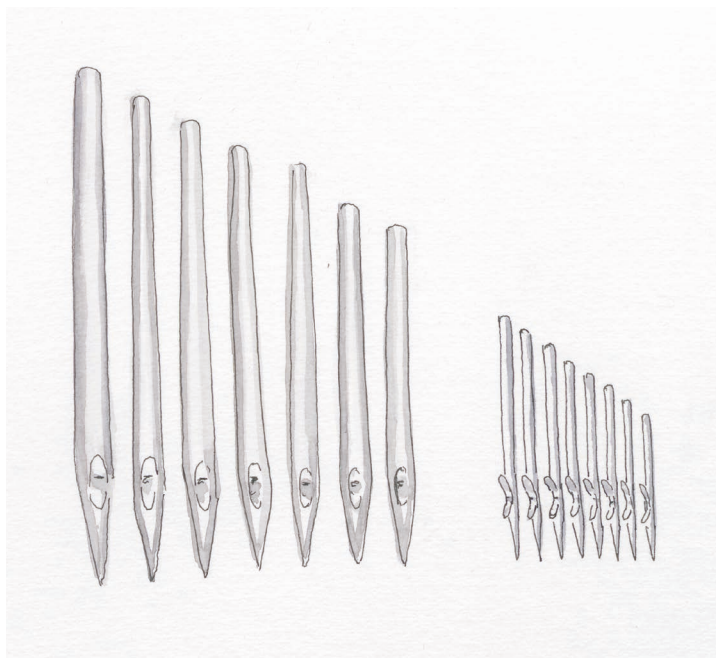
O organista toca usando tanto as mãos como os pés. Com as mãos toca nos teclados, também chamados de **manuals**, enquanto os pés tocam na **pedaleira**. Os órgãos podem ter entre um a cinco manuals, que se encontram na **consola**.



Os tubos são feitos de metal ou madeira. Estão alinhados em filas dentro da caixa de órgão, que pode ser tão grande como uma sala de jantar! Cada tubo toca apenas uma nota. Os tubos maiores produzem um som mais grave e os tubos mais pequenos produzem sons agudos. O som varia conforme o material de que o tubo é feito e da sua forma. Os tubos do mesmo material e formato formam um registo. O organista seleciona que **registo** pretende tocar, ativando um manípulo (chamado **manúbrio**) na consola. O organista deve saber escolher os registos adequados para determinada peça no órgão em que vai tocar. A esse conjunto de registos chama-se **registação**.



Os tubos estão colocados em cima do **someiro**, uma enorme caixa com ar. Quando o organista toca numa tecla, abre-se uma válvula no someiro que permite que o ar passe para um determinado tubo e assim se produz o som. Quando o organista solta a tecla, a válvula fecha-se, não deixando passar ar para o tubo, terminando o som.



O ar que vai para o someiro tem origem nos **foles**, uma ferramenta para produzir corrente de ar. Antigamente uma ou mais pessoas, os chamados **foleiros**, precisavam de pressionar os foles para manterem ar no someiro. Hoje em dia esse trabalho é feito por ventiladores.



Os órgãos existem há muitos séculos e variam muito ao longo da História e dos países onde eram construídos. Os primeiros tiveram origem na Grécia Antiga, e foram-se espalhando por toda a Europa.



Pequenos instrumentos podiam ser usados apenas por uma pessoa, sem estarem fixos nem precisarem de um foleiro. Chamavam-se **portativos**.

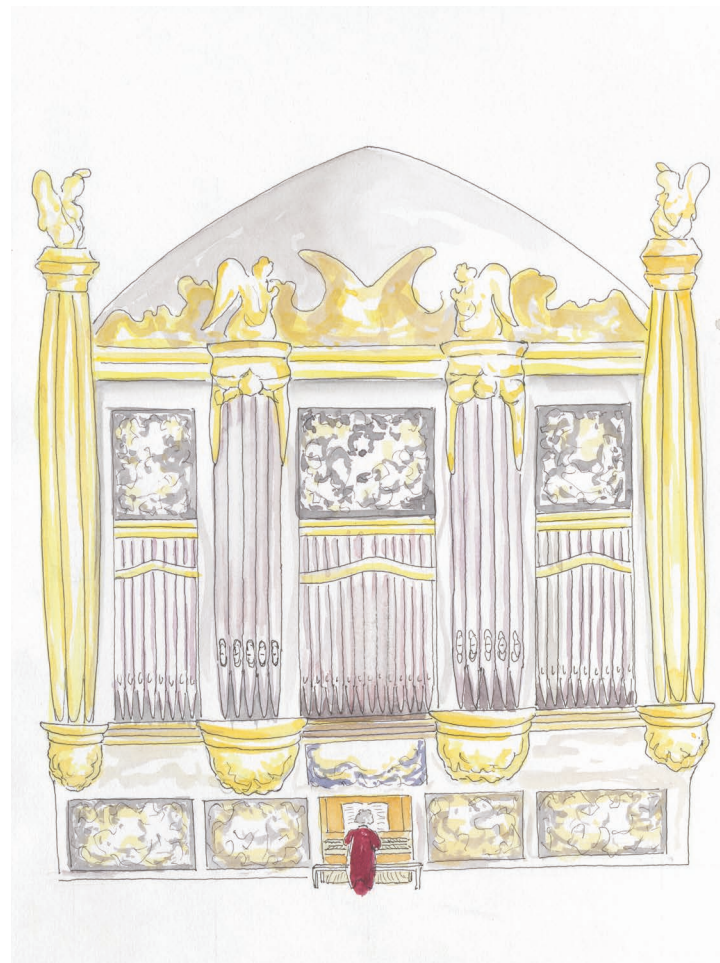


Com o aumento do número de tubos e das suas dimensões, tornou-se impraticável mover o instrumento.





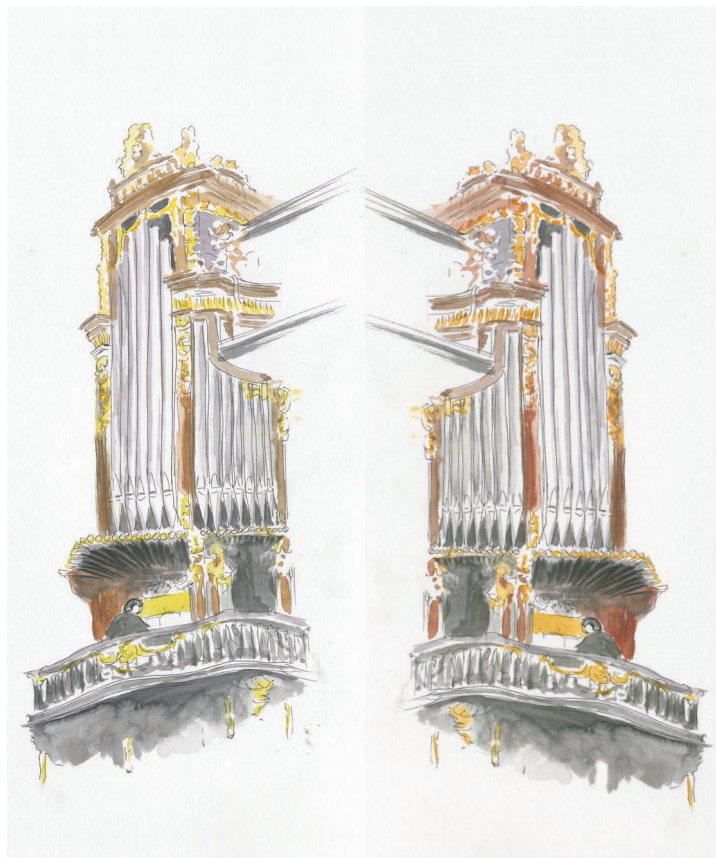
Foram-se construindo órgãos cada vez maiores, com imensos tubos, com mais que um teclado e com pedaleira. A toda a estrutura exterior do órgão dá-se o nome de **caixa**.



Hoje em dia podemos encontrar estes instrumentos em igrejas, catedrais, salas de concertos (como no Walt Disney Concert Hall, na cidade de Los Angeles, Estados Unidos da América) e em escolas de música.



Em igrejas de maiores dimensões era costume haver dois órgãos na capela-mor, colocados em paredes opostas. Mafra é um caso único no mundo: a Basílica do Palácio Nacional de Mafra tem, não um nem dois, mas seis órgãos, todos construídos no século XVIII pelos organeiros António Xavier Machado e Cerveira (1756-1828) e Joaquim António Peres Fontanes (1750-1818).



A missão do **organeiro** é **construir** e fazer a **manutenção** dos órgãos. Para construir um órgão, o organeiro tem, antes de mais, de conhecer o sítio em que será instalado, de modo a perceber o espaço físico e acústico disponível. Então pode decidir o número de manuais e os registos que o órgão terá e pode desenhar uma caixa adequada para o instrumento. Depois segue-se a construção. Os organeiros têm de saber um pouco de tudo, desde carpintaria a mecânica, pois o órgão é o instrumento mais complexo que existe. O órgão da Igreja de Sto. André em Mafra, por exemplo, é um instrumento muito recente construído em 2018 pelo organeiro Dinarte Machado.

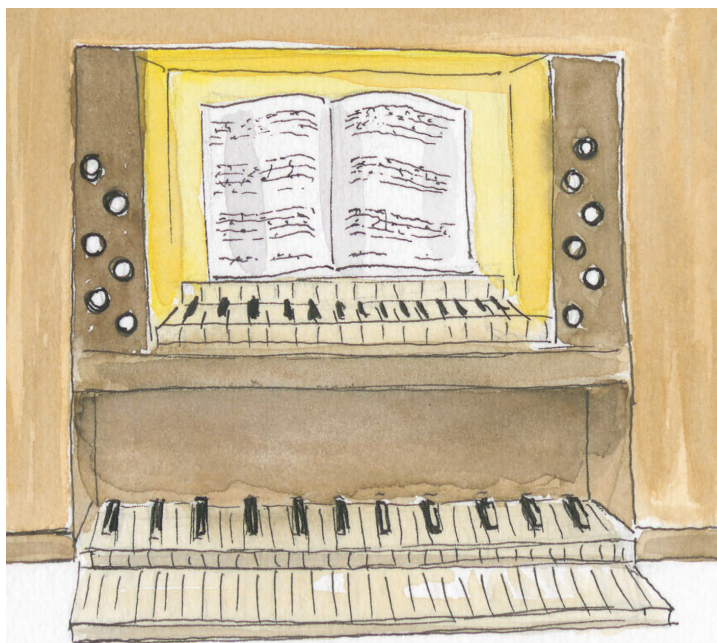


Quando alguma peça se parte no interior do órgão ou algum tubo desafina cabe ao organeiro fazer a manutenção do instrumento. Durante grande parte do século XX, muitos órgãos antigos foram deixados ao abandono, sem ninguém que os tocasse e cuidasse deles. Por isso, hoje em dia os organeiros têm também a função de restaurar esses instrumentos, aproveitando os materiais existentes.



No seu dia a dia, o **organista** tem de estudar bastante para estar preparado para tocar concertos, a solo ou com outros instrumentos e coros, e para acompanhar celebrações religiosas, tais como casamentos e missas. Muitos compositores escreveram, ao longo dos séculos, música para órgão. O mais famoso foi o alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750), que para além de compositor, foi também organista.

Ser organista não é tarefa fácil! Com tantos manuais, pedaleira e registos, é como se dirigisse e tocasse a sua própria orquestra. Devido às suas inúmeras capacidades sonoras, Mozart definiu o órgão como “o rei dos instrumentos”.



Biografias

Vamos conhecer mais sobre quem toca e canta



André Ferreira

André Ferreira é licenciado em Órgão pelo Real Conservatório de Amsterdão, onde estudou com Jacques van Oortmerssen, tendo igualmente a oportunidade de trabalhar com Pieter van Dijk. Concluiu o mestrado em Órgão na Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), sob a orientação de João Vaz. Iniciou os seus estudos de órgão com António Esteireiro no Instituto Gregoriano de Lisboa, continuando posteriormente com Jos van der Kooy no Conservatório de Haia. O gosto pela Música Antiga levou-o ao estudo de oboé barroco, com Maria Petrescu, sendo presentemente aluno de licenciatura da classe de Pedro Castro, na ESML. Como solista ou integrado em diversos agrupamentos musicais, já efetuou recitais em Portugal, Espanha, Itália e Holanda. Colabora como organista com a Paróquia de São Tomás de Aquino e com a Paróquia de Santa Maria de Belém (Mosteiro dos Jerónimos) em Lisboa. No ano letivo 2016/2017 lecionou no Conservatório Regional de Ponta Delgada, Açores. É professor de Órgão na Escola Diocesana de Música Sacra do Patriarcado de Lisboa. É licenciado em Matemática Aplicada e Computação pelo Instituto Superior Técnico. Frequenta atualmente o Doutoramento em Ciências Musicais na Universidade Nova de Lisboa.





Bruno Nogueira

Natural da Maia, inicia os estudos musicais no Conservatório de Música do Porto, em Canto, nas classes de Cecília Fontes, Sara Braga Simões e José Lourenço. Terminou a licenciatura em Música Antiga na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE) em 2011, na classe de Canto de Magna Ferreira. Atualmente frequenta o Mestrado de Ensino de Música - Canto, com Luís Madureira, na ESML. Participou em *masterclasses* com Paul Esswood, Jill Feldman, Marco Beasley, Rui Taveira, Luís Madureira, Orlanda Isidro e Fernando Guimarães. Como solista, participou nas óperas *Acis and Galatea* de Händel, *L'ivrogne corrigé* de Gluck, *Fairy Queen* de Purcell, no intermezzo *Kleine Arlekinade*, de Salieri, na opereta *As Madamas do Bolhão*, de Offenbach / Eurico Carrapatoso, na *Missa da Coroação* de W. A. Mozart, nas cantatas *Actus tragicus* de J. S. Bach e *Membra Jesu nostri* de Buxtehude, na *Paixão Segundo São João* de J. S. Bach, nas *Vésperas da Beata Virgem Maria* de Lourenço Rebelo, bem como na estreia da *Paixão segundo S. João* de Joaquim dos Santos. Foi elemento dos grupos Dixit Dominus, Pedro do Porto, Ensemble Vocal, Sesquialtera e Arte Mínima.



Clara Alcobia Coelho

Clara Alcobia Coelho fez os estudos superiores na ESML nas áreas de Formação Musical e Direção Coral, onde estudou com Vasco Azevedo, e concluiu o mestrado sob a orientação de Paulo Lourenço. Foi maestraína do Coro no Festival *Les Musicalles de Grillon* de 2006 a 2016. Dirige desde 2010 o Ensemble Lusiovoce. Com agrupamentos da ESML coordena diversos programas de música coral e vocal de câmara. Integra o Coro Gulbenkian desde 1997 e participou como soprano em agrupamentos como Officium Grupo Vocal, Voces Caelestes, Ensemble Mpmp, Studio Contrapuncti. Tem colaborado regularmente nos ensaios e preparação de programas do Coro Gulbenkian. Recentemente tem privilegiado a execução de música contemporânea, de que se destacam a preparação do Coro Gulbenkian em *L'Autre Hiver* (projeto ENOA), a direção musical da versão encenada de *Hummus* (Zad Moulataka) em Lisboa e em Londres, a estreia de obras portuguesas para Coro e Órgão, e a direção e gravação de Cd do 1º Prémio Musa com o Ensemble Mpmp, que inclui estreias de música portuguesa para coro *a capella* sobre textos de Sophia de M. Breyner. É docente desde 2001 na Escola Superior de Música de Lisboa e na Academia Nacional Superior de Orquestra.





Daniela Moreira

Iniciou os seus estudos musicais no ano 2000, completando o 8º Grau de Órgão com a Margarida Oliveira no Conservatório de Música de Ourém. Em 2010 terminou a Licenciatura em Música na Escola Superior de Música de Lisboa, concluindo o Mestrado em Música e o Mestrado em Ensino, em 2014, sob orientação de João Vaz. Participou em vários cursos de aperfeiçoamento, como V Jornadas de Órgão (Santiago de Compostela), Curso Internacional de Música Antígua de Daroca, Orgelfestival Holland (Alkmaar, Holanda), ECHO Days (Bruxelas), e Toulouse les Orgues, nos quais trabalhou com personalidades como Maurício Croci, Roberto Antonello, Jose Luis Gonzalez Uriol, Pieter van Dijk, Frank van Wijk, Jean Ferrard, entre outros. Enquanto organista, tem-se apresentado em vários concertos por todo o país, dos quais se destacam os concertos integrados nos Festivais de Órgão de Santarém, São Vicente de Fora (Lisboa), Porto, Madeira, Algarve e Braga, e o Ciclo de Concertos a Seis Órgãos, em Mafra, no qual participa desde a sua criação, em 2011. Enquanto docente, é desde 2008 professora da classe de Órgão do Conservatório de Música e Artes do Centro.



Diogo Rato Pombo

Diogo Rato Pombo licenciou-se em órgão pela Escola Superior de Música de Lisboa na classe de António Esteireiro. É mestre em direção coral pela mesma instituição com instrução de Paulo Lourenço e orientação de João Vaz no projeto artístico “Um manuscrito inédito de João Rodrigues Esteves (*P-Lf A7 72/85*): edição crítica e opções interpretativas”. Frequentou diversas *masterclass* de órgão, direção coral e direção de orquestra. Como organista apresentou-se a solo no II Ciclo de órgão de Santarém, Integral da obra para órgão de Messiaen (2008), concertos “Non-Stop” dos 250 anos do órgão de S. Vicente de Fora (Lisboa), Ciclo de concertos a seis órgãos de Mafra (2011 a 2019), VIII Festival de órgão de Faro, e integrado em alguns agrupamentos de prestígio: Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa e SaxOrguEnsemble. Colabora regularmente com as igrejas de Linda-a-Velha e do Mosteiro dos Jerónimos. É professor de órgão e coro no Instituto de Música Vitorino Matono (Lisboa). Integra o Coro Gulbenkian.





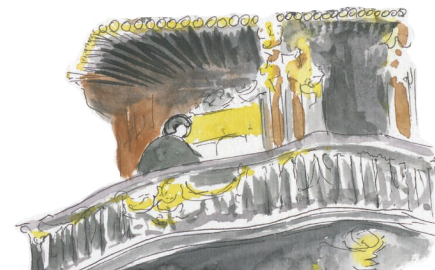
João Santos

João Santos licenciou-se em Música Sacra na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (2005). Organista premiado, apresenta-se regularmente como solista, destacando-se a Catedral de Westminster, Catedral de Notre Dame, Orgelfestival Rhür, St. Christoph Summer Festival (Vilnius), entre outros. Foi solista com a Orquestra Clássica da Madeira e trabalhou com a Orquestra Filarmonia das Beiras e Orquestra Sinfónica Portuguesa. É um compositor premiado nas áreas de orquestra de sopros, música coral e também na área do órgão, onde foi agraciado com dois primeiros prémios do concurso internacional de composição “Órgãos do Palácio Nacional de Mafra”, em 2017 na Categoria B e em 2019 na Categoria A. Teve encomendas para diversas instituições, bem como inúmeros pedidos na área da música litúrgica. Desta atividade, destaca-se a sua colaboração nas revistas *Libellus*, *Usualis* e *Salicus*. É pianista acompanhador do dueto de contratenores *Encanto*, com o qual se apresenta regularmente em digressões nacionais e internacionais. Dirige desde a sua fundação o Coro Carlos Seixas (Coimbra) e foi organista titular do Santuário de Fátima entre 2010 e 2018. É organista titular da Catedral de Leiria desde 2007.



João Vaz

Diplomado em Órgão pela Escola Superior de Música de Lisboa e pelo Conservatório Superior de Música de Aragão em Saragoça, João Vaz é também doutorado em Música e Musicologia pela Universidade de Évora, tendo defendido uma tese sobre a música portuguesa para órgão de finais do século XVIII. Tem mantido uma intensa atividade a nível internacional, quer como concertista, quer como docente em cursos de aperfeiçoamento organístico, ou membro de júri de concursos de interpretação. Gravou mais de uma dezena de Cds a solo, sobretudo em órgãos históricos portugueses. Leciona Órgão na Escola Superior de Música de Lisboa e é diretor artístico do Festival de Órgão da Madeira e das séries de concertos que se realizam no órgão histórico da Igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa (instrumento cuja titularidade assumiu em 1997) e nos seis órgãos da Basílica do Palácio Nacional de Mafra (de cujo restauro foi consultor permanente). É responsável por mais de vinte arranjos de obras para dois, três, quatro ou seis órgãos, os quais têm sido executados ao longo das séries regulares de concertos na Basílica. Em 2017, foi agraciado com a Medalha de Honra do Município de Mafra.





Margarida Oliveira

Natural de Rion (França), Margarida Oliveira iniciou os seus estudos de órgão no Instituto Gregoriano de Lisboa sob a orientação de João Vaz. Mais tarde ingressa na Escola Superior de Música de Lisboa prossequindo os seus estudos musicais sob a orientação de Antoine Sibertin-Blanc. Para além de uma atividade de acompanhamento coral, participou nos concertos “Non-Stop” na Sé Catedral de Lisboa e na Igreja Alemã em Lisboa. Participou em *masterclasses* com Jürgen Essl, Klemens Schnorr e Hans-Ola Ericsson, entre outros. Participou ainda na XI semana de música antiga na cidade de Évora trabalhando com João Vaz e José Luis González Uriol. Foi professora de órgão no Conservatório Regional de Tomar e Canto Firme de Tomar, encontrando-se presentemente a ministrar aulas no Conservatório de Música de Ourém Fátima no qual é responsável pela classe. Sob a orientação de João Vaz e de João Pedro d’Alvarenga terminou em 2010 o mestrado em interpretação de órgão na Universidade de Évora, tendo apresentado um trabalho sobre a ornamentação na obra de Nicolas de Grigny.



Sérgio Silva

Mestre em Música pela Universidade de Évora, Sérgio Silva começou por estudar órgão no Instituto Gregoriano de Lisboa sob a orientação de João Vaz na disciplina de órgão e de António Esteireiro em acompanhamento e improvisação. Para além dos seus estudos regulares, teve oportunidade de contactar com diversos organistas de renome internacional, tais como, José Luis González Uriol, Luigi Ferdinando Tagliavini, Jan Willem Jansen, Michel Bouvard, Kristian Olesen e Hans-Ola Ericsson. Como concertista, apresenta-se regularmente, tanto a solo como integrado em diversos agrupamentos nacionais de prestígio, tendo atuado em Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra, França, Alemanha e Macau. Enquanto investigador, tem realizado várias transcrições modernas de música antiga portuguesa, nomeadamente a primeira edição moderna da obra de Frei Fernando de Almeida. Atualmente, desempenha as funções de docência de órgão no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola de Música Sacra de Lisboa, e é organista titular da Basílica da Estrela e da Igreja de São Nicolau (Lisboa).





Ensemble Lusiovoce

O Ensemble Lusiovoce, que aqui se apresenta maioritariamente na sua formação de vozes femininas, tem direcionado a sua atividade principal para a performance de música moderna, incluindo a execução de obras em estreia. Interpreta frequentemente programas dedicados a temas específicos, como a composição portuguesa moderna e contemporânea, as diversas expressões da relação entre música e literatura ou a contraposição entre novo e antigo. Tem-se apresentado em alguns dos principais festivais de música nacionais, como o Cistermúsica de Alcobaca, o Festival de Vila do Conde, o Festival de Órgão de Santarém, o Festival Estoril Lisboa, o Festival de Órgão da Madeira, a programação das Comemorações do Santuário de Fátima e o Festival de Órgão de Mafra.

Edição e propriedade

Câmara Municipal de Mafra

Coordenação do projeto

Câmara Municipal de Mafra, João Vaz e André Ferreira

Datas e locais das gravações

Mafra, Basílica do Palácio Nacional, 20-22/VII/2020

Mafra, Igreja de Santo André, 8-10/IX/2020

Encarnação, Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, 28/X/2020

Livramento, Igreja de Nossa Senhora do Livramento, 29/X/2020

Gradil, Igreja de São Silvestre, 21/IX/2020

Ericeira, Igreja de São Pedro, 22/IX/2020

Direção da gravação

João Vaz

Gravação e edição digital

François Sibertin-Blanc

Assistência aos instrumentos

Dinarte Machado

Textos

André Ferreira

Ilustração

Pedro Ramos

Design gráfico

João Oliveira da Silva

Impressão e encadernação

LGP digital

Tiragem: 2000

ISBN: 978-972-8204-78-5

Depósito Legal: 490279/21

1.ª EDIÇÃO, NOVEMBRO DE 2021

Tubos, teclados, pedaleira, registos, foleiro... Afinal, de que é feito um órgão de tubos e como funciona? Neste pequeno livro vais encontrar uma simples explicação do funcionamento do maior instrumento de todos, que Mozart apelidou de “Rei dos Instrumentos”! Nos CDs vais descobrir o mais importante: a música. São imensos sons e timbres, que só o órgão de tubos é capaz de fazer. Vais poder ouvir os mais belos órgãos do concelho de Mafra. Entre eles, os seis órgãos da Basílica do Palácio Nacional, um tesouro mundial, seis instrumentos que funcionam como uma orquestra! Prepara-te para uma viagem que te vai levar desde o nosso reinado no século XVIII até a galáxias muito distantes. Aprende mais sobre o órgão de tubos, procura visitar e escutar ao vivo um concerto nestes belos instrumentos!



Real Edifício de Mafra -
Palácio, Basílica, Convento,
Jardim do Cerco, Tapada
inscrito na Lista do
Património Mundial em 2019



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

PATRIMÓNIO
CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural



PNAFIRA



Lisb@20²⁰

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu



EUROPE
UNION
EUROPEAN
UNION
EUROPEAN
UNION
EUROPEAN
UNION